

***Fullmetal Alchemist: Brotherhood* à luz da dialética dominação e servidão na filosofia hegeliana**

*Francisco Elton Martins de Souza*¹

*Matheus Tomaz Maia*²

RESUMO

O objetivo deste ensaio é apresentar uma defesa em favor da valorização dos animes enquanto obras que apresentam seriedade e profundidade no desenvolvimento de suas narrativas. Para isso, utilizaremos a obra de Hegel ([1807] 1992), especificamente o capítulo IV, *A verdade da certeza de si mesmo*, para entender os conceitos metafísicos apresentados nela e relacioná-los a um específico momento do anime (desenho animado japonês) *Fullmetal Alchemist: Brotherhood*, cuja cena escolhida para análise ilustra precisamente a dialética hegeliana: o encontro de um dos protagonistas, Edward Elric, com a Verdade. Como já mencionado, os objetos de estudos de nossa análise serão essas duas obras, sendo que começaremos pela explanação do que é o anime em questão, e, em seguida, partiremos para o capítulo do livro de Hegel ([1807] 1992), explorando as reflexões que serão apresentadas, para, então, interpretar a cena supracitada através da ótica teorizada por Hegel ([1807] 1992): a dialética do senhor e do escravo. Ao final, será apresentada uma conclusão acerca da temática abordada, ressaltando-se as implicações dessa análise no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Anime; Hegel; Dialética.

¹ Professor no Instituto Poliglota. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0641326110303277>. E-mail: eltonuece@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5062-0668>.

² Graduando em Letras pela UFC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2981116336129923>.

Fullmetal Alchemist: Brotherhood according to the dialectics domination and servitude in Hegel's philosophy

ABSTRACT

The purpose of this essay is to present a defense in favor of valuing anime as works that show seriousness and depth in the development of their narratives. For this, we will use the work of Hegel ([1807] 1992), specifically chapter IV, "The truth of self-certainty", to understand the metaphysical concepts presented in it and relate them to a specific moment of the anime (drawing Japanese animation) *Fullmetal Alchemist: Brotherhood*, whose scene chosen for analysis precisely illustrates the Hegelian dialectic: the encounter of one of the protagonists, Edward Elric, with the Truth. As already mentioned, the objects of study in our analysis will be these two works, and we will begin by explaining what the anime in question is, and then we will go to the chapter of Hegel's book ([1807] 1992), exploring the reflections that will be presented, in order to interpret the aforementioned scene through the perspective theorized by Hegel ([1807] 1992): the dialectic of master and slave. At the end, a conclusion will be presented about the theme addressed, highlighting the implications of this analysis in everyday life.

KEYWORDS

Anime; Hegel; Dialectics.

Recebido: 16/01/2023

Aceito: 17/01/2023

Publicado: 07/09/2023

DOI: <https://doi.org/10.59780/hudh5716>

Fullmetal Alchemist: Brotherhood, primeiro objeto de análise deste ensaio, é a segunda adaptação para anime do mangá *Fullmetal Alchemist*, que foi escrito e ilustrado por Hiromu Arakawa. Recebeu publicações de 12 de julho de 2001 até 11 de setembro de 2010 pela revista *Shonen gangan*, contando com 27 volumes. A primeira adaptação para anime, *Fullmetal Alchemist*, se iniciou em 4 de outubro de 2003 e se encerrou em 2 de outubro de 2004 com o total de 51 episódios produzidos pelo estúdio de animação Bones. A segunda, com o final *Brotherhood* em seu nome e animada pelo mesmo estúdio, ocorreu de 5 de abril de 2009 até 4 de julho de 2010, contabilizando 64 episódios nessa nova versão.

A principal diferença entre as duas adaptações foi o rumo que a história tomou por volta de metade do anime: na primeira, foi feito outro enredo, porque enquanto o anime estava sendo lançado, o mangá continuava serializado semanalmente, o que ocasionou que a animação o alcançasse rapidamente e, devido ao sucesso de audiência da adaptação animada, a produtora responsável optou por não cancelar o anime para esperar o fim da publicação do mangá, e continuou a história do desenho animado por conta própria, criando uma nova narrativa; e, na segunda adaptação, a serialização do mangá já estava nos capítulos finais, o que possibilitou que essa nova adaptação seguisse fielmente toda a história de sua revista em quadrinhos.

Com todo o exposto, para fins didáticos, optaremos por intitular a obra-objeto de nossa análise por FMAB (*Fullmetal Alchemist: Brotherhood*). Em FMAB, somos apresentados a um mundo regido por uma ciência, a alquimia, adaptada dos estudos sobre alquimia que existiram no nosso mundo – sendo que no universo do anime, ela é capaz de proporcionar habilidades místicas a seus usuários por meio do desenho de círculos, que representam o formato perfeito do fluxo de energia de tudo o que existe, feitos em qualquer superfície. Além disso, somos convidados a conhecer como ela funciona, o que, nas palavras do narrador, é descrito da seguinte forma:

A alquimia é uma ciência de compreensão, decomposição e reconstrução da matéria. Apesar disso, tem limitações. É impossível criar algo a partir do nada. Para se obter algo, deve-se retornar algo de igual valor. Essa troca equivalente é a base da alquimia. Os alquimistas têm uma proibição, a transmutação humana, que jamais deve ser realizada (FULLMETAL, 2010, ep. 01).

A narrativa gira em torno de dois irmãos, Edward e Alphonse Elric, que quando muito novos tiveram de presenciar a ausência de seus pais: um saiu de casa sem motivo aparente e o outro morreu posteriormente por conta de uma doença misteriosa. Tal fato motivou os irmãos a se iniciar e se aprofundar no estudo da alquimia, a princípio por conta própria, através de

cadernos que continham anotações antigas sobre esse conhecimento deixado pelo pai deles e, posteriormente, sob a tutela de uma professora.

O objetivo dos garotos era realizar a transmutação humana, considerada um tabu pela sociedade e pelo governo, e uma proibição da própria alquimia, contudo, a fim de poder trazer de volta à vida sua mãe. Entretanto, sua execução falha e o que surge no círculo utilizado para a transmutação é uma figura cadavérica negra, desfigurada, que é incapaz de se pôr de pé e que se assemelha vagamente a um humano e que, logo em seguida, morre. Além disso, como uma espécie de punição, Edward, o irmão mais velho, perde uma perna por conta da energia gerada pela realização dessa alquimia, e o corpo de seu irmão também começa a desaparecer por completo. Porém, numa medida desesperada para salvá-lo, Edward consegue aprisionar a alma de seu irmão em uma armadura de ferro; contudo, ele acaba perdendo também um braço, como consequência da já citada troca equivalente. A partir disso, os dois irmãos saem em busca de recuperar o que foi perdido e de ressuscitar sua mãe, dessa vez através de outro método: encontrar a pedra filosofal – no anime, ela é conhecida por ser capaz de quebrar a lei da troca equivalente, dando a possibilidade de seu usuário realizar qualquer coisa que desejar sem ter de sofrer as consequências.

O segundo objeto de nossa análise será a dialética do senhor e do escravo, encontrada no livro *Fenomenologia do espírito*,³ do filósofo alemão Friedrich Hegel. Na parte do livro supracitada, e também na Introdução e no Prefácio, somos introduzidos ao conceito de consciência, ou espírito (denominação também utilizada por Hegel ([1807] 1992)), a partir do qual é explorado todo o processo da consciência até se atingir sua liberdade. O autor utiliza dois personagens metafóricos para abordar de forma didática e palpável seu raciocínio a respeito do processo da formação da consciência, sendo eles: o *senhor* e o *escravo*. Antes de definirmos de fato o que ou quem esses personagens representam, é importante salientarmos de antemão o conceito de dialética, que permeia toda a obra do autor. A abordagem de Hegel ([1807] 1992) contrapõe a ideia que era vigente em sua época, que tinha sido formulada por Kant (*apud* FERRER, 2012):

Se entendia a dialética só como uma arte de criar miragens e suscitar ilusões, se havia suposto simplesmente que ela jogava um jogo falso e que toda sua força se fundava apenas no ocultar da fraude; que seus resultados eram sub-reptícios e de aparência subjetiva. Evidentemente as exposições dialéticas de Kant, nas antinomias da razão

³ Capítulo IV, “A verdade da certeza de si mesmo”, seção A, “Independência e dependência da consciência-de-si: dominação e escravidão”.

pura, não merecem muitos louvores, quando se as examina cuidadosamente. (HEGEL, [1807] 1992, [5/51] p. 52).

Ou seja, para Kant (*apud* FERRER, 2012), a dialética é apenas o meio pelo qual podemos analisar a realidade, e a aparente oposição de conceitos que poderiam se manifestar seria resolvida pela mediação argumentativa; por outro lado, para Hegel, ela é a própria realidade, e se apresenta como algo dinâmico. Não só ela é assim; o próprio ser se apresenta como esse processo dinâmico, um constante devir (*vir-a-ser*). Essa dinamicidade interminável apresenta-se em três movimentos: *tese*, *antítese* e *síntese*. Entende-se *tese* como uma aceção a respeito de alguma coisa, um entendimento sobre algum assunto – primeiro momento da dinamicidade, que é caracterizado por uma postura de querer conhecer algo. *Antítese* é exatamente a mesma coisa da anterior; a diferença reside no fato de esta funcionar como uma oposição à *tese*, apresentando argumentos contrários ou refutadores – segundo momento. A *síntese* passa a ser o resultado da exposição da *tese* contra a *antítese*, especificamente na colisão das duas – ela é a materialização do que se pôde extrair de melhor de ambas ao se chocarem, passando também a ser compreendida como uma nova *tese*.

Com tudo isso apresentado, podemos agora prosseguir para o entendimento acerca das concepções do que é o *senhor* e do que é o *escravo*, em Hegel ([1807] 1992). Inicialmente, tendemos a relacionar simplificadamente o conceito de ambos da seguinte forma: aquele que domina outrem é o senhor; por conseguinte, o dominado é o escravo. De fato, essa definição já antecipa bem o raciocínio final de Hegel ([1807] 1992). Contudo, o filósofo procura entender esses dois conceitos de forma mais abrangente – ele não está falando de um tipo específico de senhor, como o senhor que é dono de um engenho, muito menos de um tipo particular de escravo – sobretudo, seu foco está direcionado em saber como uma pessoa é capaz de se tornar um dos dois.

Esse conceito de um *ser* se apresenta da seguinte forma: antes de um *ser* (pessoa) compreender que é, de fato, um *ser* (pessoa), ele passa por um estágio inicial denominado *consciência*, que é dotada de atributos humanizados. Utilizando o conceito da dialética, que é dinâmica, essa consciência faz seu primeiro movimento, passando assim a perceber a si própria como algo que existe, ou seja, é como se ela fosse um bebê que começa a compreender a realidade a sua volta através dos seus sentidos, tocando e lambendo os objetos ao seu redor e seu próprio corpo, entendendo a dimensão deles e sua própria extensão corpórea. Segundo Hegel ([1807] 1992), nesse momento, essa consciência inicial se torna a consciência-de-si – a consciência sabe que é uma consciência. Para prosseguirmos, passaremos a referir a esta última

como CDSI-A (Consciência-de-si A) para não gerar ambiguidade de interpretação nos exemplos posteriores.

A CDSI-A continua desempenhando seu movimento de experimentação sensitiva da realidade a sua volta, até que se depara com algo diferente dos objetos que ela tocava. A CDSI-A entende que aquilo que ela acabara de ver não podia ser um objeto, pois também era capaz de pensar, logo, também era capaz de perceber a si mesma, sendo assim uma CDSI. Mas essa nova CDSI era autônoma, formulava pensamentos diferentes, portanto a CDSI-A percebe que essa CDSI não é ela própria (a CDSI-A), pois está externa a ela, reconhecendo assim que elas são semelhantes enquanto consciência e diferentes em pensamento e em estado físico – essa nova CDSI na verdade é uma CDSI-B, ou também chamada de Outro. Em adição, ambas as CDSI procuram afirmar-se como sendo verdadeiras e procuram o reconhecimento em si mesmas, entretanto, isso não se mostra eficaz, uma vez que, por exemplo, a forma como a CDSI-A reconhece a CDSI-B não é a mesma como a que a CDSI-B se “autorreconhece”, e vice-versa, pois ambas as consciências fazem, neste momento, o mesmo movimento. Ambas anseiam à liberdade individual, porém elas a procuram por meio da interação uma com a outra, que é marcada por essa diferença, que resulta em um conflito de vida ou morte em busca da certeza e do reconhecimento de si mesmas. Como é observado nas palavras de Hegel:

Para a consciência-de-si há uma outra consciência-de-si [ou seja]: ela veio para *fora de si*. Isso tem dupla significação: primeiro, ela se perdeu a si mesma, pois se acha numa outra essência. Segundo, com isso ela suprassumiu o Outro, pois não vê o Outro como essência, mas é a si mesma que vê no Outro.

A consciência-de-si tem de suprassumir esse seu-ser-Outro. Esse é o suprassumir do sentido duplo, e, por isso mesmo, um segundo sentido duplo: *primeiro*, deve proceder a suprassumir a *outra* essência independente, para assim vir-a-ser a certeza *de si* como essência; *segundo*, deve proceder a suprassumir a *si mesma*, pois ela mesma é esse Outro.

Devem travar essa luta porque precisam elevar à verdade, no Outro e nelas mesmas, suas certezas de ser-para-si. Só mediante o pôr a vida em risco, a liberdade [se comprova]; e se prova que a essência da consciência-de-si não é o *ser*, nem o modo *mediato* como ela surge, nem seu submergir-se na expansão da vida; mas que nada há na consciência-de-si que não seja para ela momento evanescente; que ela é somente puro *ser-para-si* (HEGEL, [1807] 1992, p. 145, grifos do autor).

Após a ocorrência do atrito, cada CDSI assume um papel mediado por uma relação de poder entre si: a consciência que, durante o conflito, temeu a morte torna-se o escravo; a que não, torna-se o senhor. Cada uma delas, neste ponto, vê-se através da percepção que a Outra tem sobre ela, não mais partindo de uma percepção de si mesmas através de si mesmas. Aquela que se tornou escravo, por estar em contato direto com o produto de sua mão-de-obra, utilizando-se e aprimorando-se do/no conhecimento da técnica, será detentora desse saber que o senhor não possui, o que ocasiona uma autossuficiência por parte do escravo – assim,

tornando-se cada vez mais independente, enquanto que o senhor se diminuirá por estar numa situação confortável, que não o incentiva a buscar sua autossuficiência também, o que ocasiona a dependência do senhor para com o escravo. Desta forma, haverá uma inversão nos papéis de poder previamente estabelecidos: quem era escravo se torna senhor e vice-versa. A partir disso, evidencia-se, como previsto pelo caráter dialético, uma espécie de nova “síntese”, que sofrerá sucessivos processos intermináveis de estágios de movimentos dialéticos.

Com a exposição sobre o que se trata FMAB, no começo deste ensaio, partiremos agora para a análise à luz de Hegel ([1807] 1992) da cena presente no anime em estudo que representa bem a presença dos conceitos de senhor (dominação) e escravo (servidão). O intuito dessa análise é explorar a riqueza filosófica e narrativa que pode ser encontrada nessa animação japonesa a fim de que contribua ainda mais para a valorização desse tipo de produção artística. O momento que será abordado diz respeito ao primeiro contato que Edward Elric tem com uma “entidade” chamada de “A Verdade”.

Começaremos pelo segundo episódio, “O primeiro dia”, onde há uma cena de *flashback* na qual é mostrada a já descrita cena da tentativa de transmutação humana para trazer de volta à vida a mãe dos irmãos Elric; o que não foi comentado ainda é que antes de perder a perna, Edward é transportado para um tipo de plano espiritual/dimensão paralela onde não existe nada a não ser o próprio Edward, um enorme portão de metal a suas costas e um *ser* (A verdade) sentado na sua frente que fica encarando-o e que tem a silhueta que lembra a de um ser humano. Temos, aqui, uma alusão que pode ser feita a Hegel ([1807] 1992) e sua dialética, pois é como se a autora do anime tivesse materializado e adaptado visualmente através do desenho a descrição do encontro das duas consciências teorizadas pelo filósofo alemão. A primeira CSDSI é representada pelo próprio Edward enquanto criança – diferentemente de como é abordado na *Fenomenologia do espírito*, aqui, Edward já sabe que ele próprio existe e tem uma noção já bem construída de quem ele é e do que ele não é em relação à realidade a sua volta; e o ponto em comum é que Elric passa a perceber que existe algo além dele no lugar em que ele está (existe). Outrossim, ele também reconhece naquele ser diante dos seus olhos uma figura humanoide, assim como ele próprio o é – ele consegue enxergar algo de si mesmo no *Outro*. Edward, então, se dirige ao segundo movimento descrito pela dialética, o de conhecimento de uma outra CDSI por meio da interação entre as duas CDSI, e que pode ser observado no seguinte diálogo que acontece no anime e que é iniciado pela fala da “Verdade”:

- Oi.
- Quem é você?

- Que bom que você perguntou. Eu sou o que vocês chamam de Mundo. Ou talvez o Universo, ou talvez Deus, ou talvez a Verdade, ou talvez Tudo, ou talvez Um. E também eu sou você. Bem-vindo, idiota que não sabe seu próprio lugar.
- AAAAHHH!!! (o portão atrás de Edward se abre e ele começa a ser sugado para dentro dele)
- Cale a boca. Era o que você queria, não era? Eu mostrarei a verdade a você.
- ...(dentro do portão, Edward é puxado por braços feitos de sombras e ao mesmo tempo, centenas de lembranças de sua vida passam ao redor de seu corpo como se fossem fitas onde se gravavam filmes antigos. Além disso, concomitantemente são revelados a ele o entendimento sobre a alquimia e diversas coisas a respeito da existência que nenhum humano é capaz de pensar. Ao final, subitamente, Edward volta para aquele plano anterior onde o ser misterioso estava encarando-o)...
- Como foi?
- Então era isso, a minha teoria da transmutação humana estava errada. Está faltando alguma coisa. O que eu procuro estava a minha frente. A verdade sobre a transmutação humana! Por favor, me mostre de novo!
- Não posso. Com o preço que você pagou, só posso mostrar isso.
- Preço?
- Sim, preço. (nesse momento Edward, perde sua perna e ela ressurgue agora fazendo parte do que compõe aquele ser misterioso). É a troca equivalente. Certo, al-qui-mista? (FULLMETAL, 2010, ep. 02).

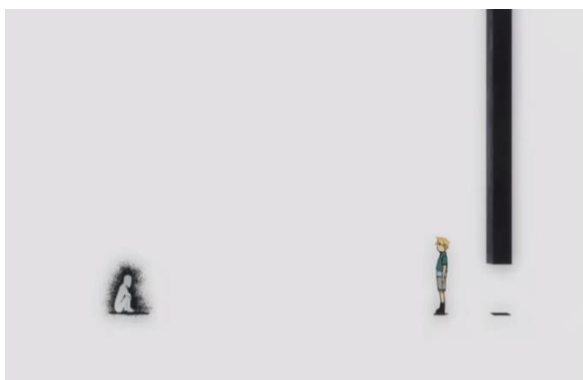


Figura 1: Encontro de Edward com a Verdade – ângulo 1

Fonte: Fullmetal (2010, ep. 02)



Figura 2: Encontro de Edward com a Verdade – ângulo 2

Fonte: Fullmetal (2010, ep. 02)

No começo do diálogo há duas CSDSI, porém, aqui, a adaptação indireta da autora já se manifesta: a CSDSI-A (Edward Elric) conhece somente a si mesma, e não ao outro ser que está diante dela; além disso, o primeiro movimento dialético, a tese, é feito pela Verdade, com a utilização do “oi”,⁴ e que, em seguida, acompanha a pergunta de Elric, “Quem é você?”, evidenciando o movimento de conhecimento por parte do protagonista, assim como descrito por Hegel; já a CSDSI-B (a Verdade) não só conhece a si mesma, como também demonstra conhecer bem Edward, como é visto pela seguinte afirmação: “[...] E também eu sou você”.

⁴ O “oi” é uma das palavras utilizadas quando se quer estabelecer ou testar um canal de conversação com o interlocutor, como proposto pela função fática da linguagem, de acordo com os estudos dos elementos da comunicação elaborados pelo linguista russo-americano Roman Jakobson (cf. 1956; 1973; 1980).

Percebemos que o verbo *ser*, em suas conjugações, é utilizado quando se quer definir alguma coisa, por conseguinte, nessa frase, é passível de ser interpretado que se pode somente definir algo se alguém já o conhece ou tem certeza sobre o que se fala – o que fortalece o argumento de que, de fato, a Verdade tem um grande conhecimento sobre quem Elric é. É importante salientar também que, no anime, essa CSDSI-B não só é CSDSI e para-si, como também é onisciente, como visto na descrição de quem ela de fato é: “Eu sou o que vocês chamam de Mundo. Ou talvez o Universo, ou talvez Deus, ou talvez a Verdade, ou talvez Tudo, ou talvez Um”, o que mostra outro caráter dessa adaptação: a autora explora o conceito de uma “superconsciência”.

Em relação à alegoria feita à dialética do senhor e do escravo, após o término desta cena, Edward carrega, física e simbolicamente, a condição de ser escravo: perder sua perna, que significa o preço que ele teve de pagar para obter conhecimento e reconhecimento da sua condição através do confronto contra a Verdade. Tudo isso porque Edward não consegue ou não quer lidar com a morte de sua mãe – caracterizando um medo de aceitação, portanto, medo de encarar a realidade como ela é: com a presença da morte. Por causa disso, ele se torna escravo da própria alquimia (podendo também ser entendida como a Verdade em si mesma) e do próprio desejo incessante de salvar o que foi perdido.

Na fala da Verdade, ainda é percebido um perfil irônico, sádico e dominador, como é visto nas seguintes falas que ela profere ao se direcionar a Edward: “Bem-vindo, idiota que não sabe seu próprio lugar”, “Cale a boca. Era o que você queria, não era?”, “É a troca equivalente. Certo, al-qui-mis-ta?”. A Verdade, nessa altura do anime, mostra-se como sendo uma espécie de senhor inalcançável, visto que ela é quem negocia a quantidade de conhecimento que Edward pode adquirir e o preço a ser pago – o poder de dominação emanado dela é tamanho que Elric é incapaz de revidar por causa de sua impotência na condição de ser apenas um humano. Além do mais, marcações como “Cale a boca” caracterizam o modo verbal no imperativo, uma ordem clara, e palavras destacadas silabicamente, como é o caso de “al-qui-mis-ta”, geram um efeito estético na escrita que pode indicar sarcasmo e menosprezo da palavra objeto dessa separação silábica – o que fomenta ainda mais a argumentação das disparidades de poder apresentadas entre Edward (escravo) e a Verdade (senhor). A síntese, movimento dialético (o saldo final), desse embate é um novo entendimento acerca da utilização da alquimia e um novo objetivo, que é o de tentar ressuscitar sua mãe através da pedra filosofal, um novo método.

Conclui-se que teorias filosóficas, como a de Hegel ([1807] 1992), revelam uma aplicabilidade eficaz na análise de narrativas e de produtos culturais, nesse caso o anime *Fullmetal Alchemist: Brotherhood*. A partir de análises, como a feita neste trabalho, é possível

criar novas abordagens de interpretação de uma obra, que enriquecem tanto a obra analisada em questão quanto a que é utilizada para fazer a dissecação analítica. Além disso, somos capazes de apreciá-las e entendê-las com mais cuidado, carinho e atenção, uma vez que é feita a fragmentação detalhada de frases e cenas de um anime, como nesse exemplo, que revelam uma abundância de significados que antes não eram perceptíveis, visto que assistir a uma animação japonesa é uma atividade predominantemente passiva. Assim, comprova-se que os postulados formulados por Hegel ([1807] 1992) são atemporais, demonstrando-se seus usos em áreas que, a princípio, não parecem dialogar entre si, na sociedade atual; comprova-se, ainda, que animes são capazes de estimular atividades de reflexão e fabulação tanto quanto um filme ou um livro o são, atividades estas que têm o potencial de enriquecer o caráter racional e criativo inerentes do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRER, D. Antinomias e sistema em Kant e Hegel. In: *Ensaio filosóficos*, v. 6., p. 8-24, 2012.

FULLMETAL Alchemist: Brotherhood. Parte 1. Direção: Mike McFarland. Estados Unidos: Funimation, 2010. 1 Blu-ray (13 episódios).

HEGEL, F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

JAKOBSON, R. *Fundamentals of language*. Pensilvânia: De Gruyter Mouton, 1956.

JAKOBSON, R. *Questions de poétique*. Paris: Librarie du Bassin, 1973.

JAKOBSON, R. *The framework of language*. Michigan: University of Michigan, 1980.